

## MEMÓRIA CAMPINEIRA (8) SAINT-HILAIRE EM CAMPINAS

Vindo de Goiás, percorrendo, portanto, em sentido inverso, o velho caminho das bandeiras, Saint-Hilaire chegou a Campinas aos 22 de outubro de 1819. Demorou-se aqui dois dias, seguindo depois para São Paulo. Após algumas semanas na Capital, tomou a direção do sul do país, chegando até a Província Cisplatina ( o Uruguai de hoje ), na época parte integrante do Brasil.

Já tivemos oportunidade de transcrever algumas vezes a descrição que o ilustre viajante fez de nossa cidade, denominada então Vila de São Carlos. E aqui surge a primeira observação curiosa do botânico francês: “Quando de minha viagem, o nome oficial não tinha ainda prevalecido, e parece que, ainda hoje ( Saint-Hilaire escreveu seu relato muitos anos após a viagem ) não é geralmente adotado, porque unicamente o de Campinas é visto nos relatórios dos presidentes da província à Assembléia Legislativa”. Significa isto — num depoimento bem vivo — que o nome de São Carlos imposto a Campinas quando da criação da vila em 1797 não “pegou”, pois o nome de Campinas continuou sendo usado, diz o botânico, até nos documentos oficiais. Razão de sobra assistiu, pois, aos que, em 1842, quando da elevação à categoria de cidade, determinaram o restabelecimento do nome Campinas.

Depois de explicar a origem da cidade, vinculando-a à cultura da cana-de-açúcar, observou que Campinas, cercada de matas por todos os lados, possuía ruas não muito largas, mas com casas novas, unidas umas às outras, cobertas de telhas e construídas, em sua maioria, com terra socada ( taipa ). Algumas delas podiam ser consideradas bonitas. A igreja paroquial, contudo, lhe pareceu pequena e mesquinha, situada numa praça que formava um longo quadrado ( a Praça Bento Quirino de hoje ). Quando de sua viagem, recordava ele, era intensa na localidade a construção de casas, sendo por aí fácil de perceber que ela, em pouco tempo, adquiriria notável importância. A maioria dos habitantes era constituída de agricultores e o município era, de toda a província, o que mais produzia açúcar, pois já na sua época ( 1819 ) contava cerca de uma centena de engenhos. As fazendas de certa importância possuíam, pelo menos, uns vinte escravos e produziam facilmente duas mil arrobas de açúcar. Tece algumas considerações sobre o cultivo da cana e a fabricação do açúcar e depois descreve a visita

que fez ao Capitão-mor, que o recebeu com muita gentileza, convidando-o a almoçar em sua companhia no dia seguinte. Nesse almoço tomou, pela primeira vez, o mate ou “erva do Paraguai”, da qual a princípio não gostou, mas acabou-se acostumando. E teria que se acostumar mesmo, pois empreenderia em breve longa excursão pelo Paraná e Rio Grande do Sul, onde o uso dessa bebida era bem mais generalizado. Chamou-lhe a atenção as salas de visita e de jantar do Capitão-mor, que tinham as paredes pintadas imitando mármore até a altura do peitoril das janelas; daí para cima, até o teto, eram pintadas de branco, com uma barra imitando um cordão de flores, sistema de decoração “não de todo deselegante e muito usado nas casas de brasileiros ricos”.

A **Viagem à Província de São Paulo**, de Saint-Hilaire, mereceu duas traduções: a de Rubens Borba de Moraes, publicada pela primeira vez em 1940, integrando a “Biblioteca Histórica Brasileira” da Livraria Martins, e reeditada em 1945 e em 1972; e mais recentemente (1976) a de Regina Regis Junqueira, pela Editora Itatiaia, de Belo Horizonte, em convênio com a Universidade de São Paulo, na coleção “Reconquista do Brasil”.

\*  
\*   \*  
\*

## TRANSCRIÇÃO

### D. PEDRO II VISTO POR JOSÉ MARIA BELO

( . . . )

Mas ele próprio se transforma. Envelhece precocemente no corpo e na alma. Dir-se-ia que o grande esforço da campanha militar o fatigara, destruindo as ilusões que pudesse ter sobre a sua missão no Brasil. Pouco a pouco, abandona as prerrogativas de que era mais cioso. Atento ao cotidiano dos seus deveres funcionais, parecem pesar-lhe demasiado as funções ou encargos mais altos do governo. As suas viagens à Europa e à América do Norte são como evasões às coisas aborrecidas que o cercavam. Correndo apressadamente países e cidades, fazendo sobre as coisas

ilustres pelo passado ou pela beleza artística, que visitava, as vulgares observações dos turistas medíocres, confundindo, muitas vezes, o valor dos homens eminentes que procura — redimindo-se, no entanto, neste aspecto, pelo pressentimento da revolução musical de Wagner e pelo respeito aos gênios de Pasteur e de Edison — Pedro II esforça-se por esquecer os cuidados do governo. Na sua longa correspondência de viagem, por exemplo, ou em outros documentos análogos, não se revela jamais a preocupação do estadista. Parecem-lhe indiferentes os problemas econômicos; alheia-se das primeiras grandes transformações sociais que a civilização capitalista da máquina determinava na Europa e nos Estados Unidos. Interessa-o muito mais, ou simula para si mesmo que o interessa, o estudo do árabe ou do hebraico. Afigura-se, por vezes, um burguês letrado ou um negociante, vagamente sentimental, da City, em férias mais prolongadas pelos museus ou pelas ruínas históricas do Continente. Devora livros, sacia a curiosidade do espírito por toda parte, e não consegue, como produção intelectual, ir além de alguns medíocres sonetos e de algumas páginas em prosa, igualmente medíocres. As suas cartas, escritas sem gosto literário, não revelam nenhuma espontaneidade de idéias ou de sentimentos, nenhuma forte reação emocional ante as coisas que mais admira. Confirmam sempre, todavia, a habitual nobreza dos seus sentimentos. A gente de sua família, esposa, filhas, genros e netos, era incapaz de surprender-lhe as falhas, criando, por própria conta, um ambiente de vivas simpatias públicas ou de irradiação pessoal. Típica família burguesa, da linha de Luís Filipe, onde não se eleva ao primeiro plano nenhuma figura. Tudo, pois, indicava ao próprio Pedro II que o Império acabaria com ele. A nação não tolerava sequer a idéia da chefia do Estado em mãos de uma princesa, piedosa e digna, mas casada com um príncipe estrangeiro, profundamente antipático, embora, muitas vezes, com injustiça, ao sentimento público.

( História da República, 31/32. 3ª edição.  
São Paulo, 1956. )

\*

## LETRAS NO BRASIL NO SÉCULO XVIII ( Varnhagen )

Pelo que respeita às letras, além dos escritos dos sócios das Academias dos **Esquecidos** e dos **Felizes**, de que há pouco nos ocupamos,

pertencem a este período três obras muito notáveis de nossa literatura, sendo duas delas produto do engenho baiano. Referimo-nos ao **Compêndio Narrativo do Peregrino da América**, de Nuno Marques Pereira, filho de Cairu, à **História da América Portuguesa** ( até 1724 ) por Sebastião da Rocha Pitta, e aos **Anais do Maranhão** ( até 1718 ) pelo ex-governador do próprio Estado Bernardo Pereira de Berredo.

O **Compêndio Narrativo**, em estilo que podemos qualificar de vieirense, recomenda-se pela muita erudição que encerra, pela pureza das doutrinas morais e religiosas que prega, e pelas muitas pinturas que oferece do Brasil.

A **História** de Pitta, que ainda hoje se aprecia pelo seu colorido poético, bem que omissa em fatos essenciais, destituída de critério e alheia a intenções elevadas de formar ou de melhorar o espírito nacional, fazendo avultar, sem faltar à verdade, os nobres exemplos dos antepassados, serviu de muito, por algumas de suas próprias exagerações para recomendar à metrópole o Brasil. O autor não recorreu sempre, é verdade, às mais puras fontes da história; era mais imaginativo, que pensador; mais poeta e admirador do belo, que crítico, vassalo da razão e escravo das provas autênticas; e querendo ser o Tito Lívio da pátria, narrando os fatos do Brasil, tinha menos presente o seu passado que tudo quanto sucedera em Roma e Cartago. Outras vezes como que pensava enobrecer e sublimar a história da colônia luso-americana, intercalando episódios largos acerca de fatos passados na metrópole, v. g., da doença ou morte deste ou daquele infante que jamais pensara no Brasil, ou da genealogia de algum analfabeto fidalgo, com a sua linhagem fabulosa entroncada por bastardia na dos reis de Leão.

Como história, esta obra apenas pode ser consultada com vantagem acerca de alguns fatos ocorridos em vida do autor, que lhe foram referidos por testemunhas que ele para esse fim inquiria, segundo sua própria declaração. Dos importantes governos de Diogo Botelho e D. Diogo de Menezes não nos transmitiu o historiador a menor notícia, que declara “não haver achado”. Igualmente omissa se mostra acerca dos sucessos do Maranhão, mas esta omissão veio em breve a ser suprida pela obra de Berredo, que pelo mesmo tempo se escrevia, bem que só viesse a ser publicada póstuma um quarto de século depois ( 1749 ).

Dos **Anais do Maranhão** de Berredo, cumpre-nos dizer que os temos por um dos mais preciosos livros que acerca de nossa história

possuímos; pois, impossível nos é deixar de reconhecer que o escritor era de espírito nobre, grave, e geralmente caridoso. Quis, porém, como Pitta, enobrecer os seus assuntos, com frases retumbantes e elevadas comparações, e quando pensa revestir de importância os fatos, não tem conseguido mais do que ser empolado, ou escuro, para não dizer enganoso; pois às vezes parece querer iludir o leitor, fazendo-o acreditar como importantes certos fatos que em boa crítica nem se deveriam chamar história. Entretanto, cumpre confessar que se não existira a obra de Berredo, pouco se soubera, até os modernos tempos, acerca da história do Maranhão, principalmente desde 1644 e 1718.

Como poetas haviam-se mais ou menos distinguido, no Brasil, o mesmo Rocha Pitta, Prudêncio do Amaral, José Borges de Barros, Santa Maria Itaparica, Brito e Lima, Soares da Franca, Canelo de Noronha e a pernambucana D. Rita Joana de Sousa, dos quais nos limitaremos a deixar aqui mencionados os nomes.

(História Geral do Brasil, IV, 41/43. 3ª edição. São Paulo, Melhoramentos, s. d.)

\*

#### PARIS EM MEADOS DO SÉCULO XVII ( Bernardo Rucellai )

A superfície delimitada pelas muralhas de Paris é pouco superior à de Florença, mas tem à sua volta subúrbios que a tornam muito maior, e estes são dez ( . . . ) Saint-Germain é o principal, com muitas construções e igrejas belas, sendo hoje em dia a mesma coisa morar nos subúrbios ou na cidade. A cidade é rodeada de muralhas, que em muitos pontos têm baluartes, e vai aumentando com a inclusão destes subúrbios ( . . . ) Há em Paris uma infinidade de palácios, e todos os dias se vão fabricando muitos outros à moderna, ricamente e muito dispendiosos, se bem que já há alguns anos mandasse o rei afixar uma ordem em todas as portas da cidade e em muitos termos de Paris, como se pode ver escrito em pilastras quer de madeira, quer de pedra mandadas fazer para este efeito, pela qual proibia que se ampliasse ou construísse, devido ao grande aumento diário da cidade e temendo-se que, multiplicando-se os habitantes, pudesse faltar as provisões necessárias para tanta gente ou que, povoando-se esta, diminuíssem os habitantes das outras partes do reino; mas parece que esta ordem não foi seguida, pois só se vêem novas construções

quer na cidade, quer nos subúrbios (. . .). Os habitantes, dizem os franceses que são um milhão e meio, mas verdadeiramente crê-se que sejam novecentos mil. Há doze mil coches e outras tantas carroças, e o número de cavalos dizem que passa de cem mil. Dizem que se consomem todos os dias dez mil capados, duas mil vitelas de leite e mil juntas de bois, sem contar com a criação e outros animais. O pão, além do que se faz em Paris, vem de diversas vilas circunvizinhas, donde chegam duas vezes por semana mais de quatro mil carroças que o descarregam em algumas praças, juntando-o em grandes montes, e dali depois é distribuído pela cidade, sendo geralmente os pães muito grandes e com quase um braço de diâmetro, muito brancos e bem cozidos. Faz-se também pão pequeno à italiana, e nunca o vi nem comi tão leve ou melhor que este. Há, em diversas partes da cidade muitas fontes públicas cuja água puríssima foi canalizada pela rainha mãe, e a água é vendida pelas casas por um grande número de homens que a transportam em dois dornachos, levados ao pescoço presos por um arco, da mesma maneira que transportam a água do rio, se bem que haja poços em todas as casas.

É indescritível o número de lojas, especialmente na grande Rua de São Diniz, todas cheias de coisas belas e de belíssimos tecidos (. . .). As lojas dos livreiros e, especialmente as da Rua de São Tiago estão cheias, e bem fornecidas de livros encadernados em cor-de-rosa e preto, decorados com filetes de ouro, custando a encadernação de um livro em papel como no Colégio só 30 daqueles soldos; maravilham quem os vê, e induzem os forasteiros, devido ao baixo preço, a comprá-los. Tudo é barato, exceto as rendas de casa, o vinho, as cavalariças e a lenha. Há um grande número de liteiras, cujos portadores andam muito depressa por aquelas ruas, e grande quantidade de carregadores denominados *crochettiers*, devido a uns paus em forma de gancho que trazem às costas, e sobre os quais podem colocar o que se quiser.

Há grande quantidade de jóias, especialmente de pérolas, com as quais as senhoras se enfeitam ricamente; além disso, vestem quase todas muito bizarramente de preto e param pouco em casa, se bem que sejam elas que governam, pois vêm-se a passear ou a merendar nos jardins ou nas quintas, existentes em grande número nos campos à volta de Paris.

( Bernardo Rucellai, embaixador toscano em França, em 1643. Apud Os Milênios, V, 201. Lisboa, Verbo, 1970. )

\* \* \*